



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS

YAPONIRA DE SALES SILVA

A QUEBRA DO PARADIGMA ROMÂNTICO EM *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES*: CATHERINE E HEATHCLIFF

GUARABIRA – PB
2017

YAPONIRA DE SALES SILVA

A QUEBRA DO PARADIGMA ROMÂNTICO EM *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES*: CATHERINE E HEATHCLIFF

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras Inglês.

Orientador: Prof. Dr. José Vilian Manguiera

GUARABIRA – PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586q Silva, Yaponira de Sales
A quebra do paradigma romântico em o Morro dos Ventos Uivantes: Catherine e Heathcliff [manuscrito] / Yaponira de Sales Silva. - 2017.
40 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: José Vilian Manguiera, Departamento de Letras".

1. Morro dos Ventos Uivantes. 2. Paradigma Romântico. 3. Catherine e Heathcliff. I. Título.

21. ed. CDD 820

YAPONIRA DE SALES SILVA

**A QUEBRA DO PARADIGMA ROMÂNTICO EM O MORRO DOS
VENTOS UIVANTES: CATHERINE E HEATHCLIFF**

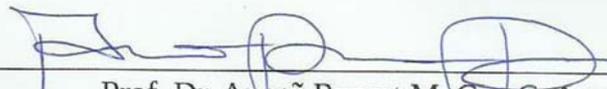
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada.

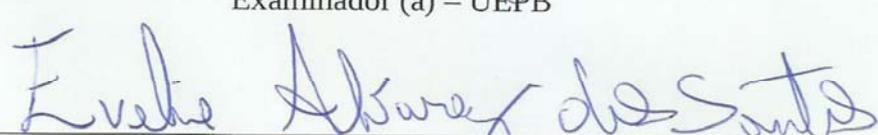
Área de concentração: Literatura Inglesa

Aprovada em: 03/08/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. José Viliam Manguieira
Orientador – UEPB


Prof. Dr. Anacã Rupert M. C. e C. Agra
Examinador (a) – UEPB


Prof.ª Ma. Eveline Alvarez dos Santos
Examinador (a) – UFPB

AGRADECIMENTOS

Em primeiro, lugar gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado fé, saúde e principalmente forças para superar as dificuldades que surgiram ao longo dessa jornada da minha vida.

Agradeço a meus pais Antônio e Maria José pelo apoio e compreensão em meio a minha rotina agitada, tendo muitas vezes que ficar longe deles, longe de casa. À minha irmã Fátima, muito obrigada por sempre me ajudar, me ouvir, aconselhar nas minhas horas de dúvidas, esquecendo-se dos seus trabalhos para auxiliar nos meus. Agradeço também a meu querido noivo Célio Júnior que, com amor e carinho, protege e cuida de mim, mesmo com seu jeito “sem jeito” de me apoiar. Eu amo vocês.

A meus colegas de turma que, apesar dos empecilhos surgidos no decorrer dessa caminhada que percorremos, estivemos sempre juntos, dividindo alegrias e tristezas. Enfim, foi um grande aprendizado. Um carinho enorme por vocês.

A meu orientador Prof. Dr. José Vilian Manguiera, principalmente por ter aceitado meu convite para ser sua orientanda, o que para mim foi uma honra, mesmo sem me conhecer como discente, pois nunca tivera sido sua aluna. E por ter sido sempre presente às minhas dúvidas e questionamentos, me guiado de maneira tão sábia e paciente, me levando a compreender melhor a obra analisada. Muito obrigada.

Enfim, muito obrigada a todos que contribuíram para o encerramento de mais um ciclo, minha graduação.

“Meus maiores sofrimentos neste mundo foram os sentimentos de Heathcliff; e eu os assisti e senti cada um deles, desde o princípio. A maior razão da minha vida é ele. Se tudo desaparecesse só ele restasse, eu continuaria a existir. E se tudo o mais permanecesse, e ele fosse aniquilado, o universo se tornaria estranho, e eu não mais faria parte dele. Meu amor por Linton é como as folhagens dos bosques: mudarão a com o tempo, estou consciente disso, como as árvores mudam com a chegada do inverno. Meu amor por Heathcliff como as rochas eternas sob os nossos pés: uma fonte de felicidade pouco visível, mas necessária. Nelly, eu sou Heathcliff! Ele está sempre, sempre em minha mente... Não como um prazer, pois também não sou um prazer para mim mesma, mas como meu próprio ser ”. (BRONTË, E, Wuthering Heights. 1847)

RESUMO

O propósito deste trabalho é mostrar de que maneira Catherine e Heathcliff quebram o paradigma romântico imposto pelo romance romântico da era oitocentista. Para tanto, buscamos analisar *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë (1847) e como este fez apresentar seus personagens que iam contra os conceitos padrões de heróis românticos a partir da peculiaridade de seus protagonistas, comparando-os com os personagens protagonistas das obras de Jane Austen (1813) e de Ann Radcliffe (1794). Dessa maneira, investigamos como foram dados os fatos que implicaram na desconstrução do paradigma romântico. Desse modo, de acordo com Vasconcelos (2002) observamos previamente o cenário literário daquela sociedade inglesa do século XVIII perante à produção feminina daquela época. Mostramos o contexto em que vivia a autora Emily Brontë, que influenciou no surgimento do seu romance clássico de acordo com Allegrete (2016). Vimos, também, como foi tida a recepção do mesmo e quais as divergências que chocou os leitores dos tradicionais romances daquela época. Para tal, nos apoiamos em pesquisadores e teóricos como Cordeiro; Alambert (2005) e BLOOM (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Morro dos Ventos Uivantes. Paradigma Romântico. Catherine e Heathcliff

ABSTRACT

The purpose of this study is to show how Catherine and Heathcliff break the romantic paradigm imposed by the romantic novel of the eighteenth century. Therefore, we sought to analyze *Wuthering Heights* by Emily Brontë (1847) and how the novel introduces its characters that went against the patterns concepts of romantic heroes according to the peculiarity of its protagonists, comparing them with the characters from the works of Jane Austen (1982) and Ann Ward Radcliffe (1794). In this way, we investigated how were given the facts that resulted in the deconstruction of the romantic paradigm. Thus, according to Vasconcelos (2002) we previously observed the literary scenario of that English society regarding the female production from that time, showing the context in which the author lived Emily Brontë, that influenced on appearing of her classic novel according to Allegrete (2016). We also saw how it was received and which divergences shocked the readers of the traditional novels of that time. For this purpose, we supported us on researchers and theorists such as Cordeiro; Alambert (2005) and Bloom (2008).

KEYWORDS: Wuthering Heights. Romantic paradigm. Catherine and Heathcliff

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	TEXTO E CONTEXTO.....	12
2.1.	Romance Feminino Inglês.....	12
2.2.	A vida de Emily Brontë e o surgimento do seu único romance.....	15
3	<i>O MORRO DOS VENTOS UIVANTES: CLÁSSICO LITERÁRIO.....</i>	19
3.1.	Recepção do Romance	19
3.2	Divergências ao modelo tradicional	22
4	A QUEBRA DO PARADIGMA ROMÂNTICO: CATHERINE E HEATHCLIFF.....	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

No século XVIII, a Inglaterra foi o cenário para o surgimento de um novo gênero literário que quebraria com os modelos clássicos da época: o romance. Embora algumas escritoras já houvessem tentado antes conquistar seu espaço, suas obras muitas vezes ficavam restritas à esfera pública, ou seja, um século após algumas tentativas, se via uma chegada marcante de mulheres na literatura. Dessa forma, com esse novo gênero literário, as mulheres começam a ocupar de forma mais notável um espaço no cenário das letras, antes tido como masculino.

Algumas das explicações que levavam as mulheres à literatura como leitoras e/ou como escritoras seriam sua disponibilidade de tempo, em se tratando de mulheres de classe mais elevada, e também devido ao pouco acesso que estas mulheres tinham do meio público. Como o gênero romance causava uma ruptura nos paradigmas operados naquela época, “por abrir um grande contingente de produtores que não tinham familiaridade com a tradição clássica” (VASCONCELOS, 2002, p.103), ou seja, ele proporcionava um caminho para o desenvolvimento de algo novo, sem vínculo com os padrões clássicos, mesmo com suas características em construção.

Neste cenário de novidades da literatura inglesa, algumas escritoras se destacam. Uma delas é Apha Behn (1640-1689), apontada como a primeira mulher a ganhar a vida escrevendo. Ela era poeta, dramaturga e ficcionista da restauração. Outras mulheres escritoras também arriscaram e encararam, de forma anônima ou timidamente, se enveredar por esse território, principalmente esse novo gênero literário em formação, que não tinha regras formais. Sem origens certas, tal gênero aparentava ser feito para elas sob medida, pois ele focava na vida íntima, privada, e nas experiências domésticas e cotidianas. Desse modo, o romance feminino inglês manifestava a vontade de encorajar uma reforma dos costumes que insistia em impor obrigações às mulheres.

Nesse contexto, em 1847, com o pseudônimo Ellis Bell, a escritora Emily Brontë, publicou o livro *O Morro dos Ventos Uivantes*¹, obra que embatia com a moral imposta na época vitoriana, por ser cercada por momentos afetuosos e/ou de conflitos cotidianos, gerando

¹ Original: *Wuthering Heights*

contraditórias interpretações entre os leitores e críticos, levando o romance a uma longa jornada de rejeição pelo conteúdo apresentado.

Com perspectivas mais realista, é caracterizado como intenso, confuso e controverso. Nesta obra, a escritora Emily Brontë constrói uma personagem feminina (Catherine) com personalidade marcante, e Heathcliff um personagem misterioso e sombrio, carregado por conflitos internos, caracterizado como um herói byroniano. Podemos destacar que esse tipo de herói apresenta várias características, porém de acordo com a pesquisadora Daise Lilian F. Dias (2012) a que mais se ressalta é a rebeldia. Em linhas gerais “ele é geralmente isolado da sociedade por vontade própria ou imposta por alguma força externa. Costuma ser mal-humorado e apaixonado em relação a algum aspecto, e rejeita os valores e os códigos morais da sociedade” (CUDDON (1996), *apud*, DIAS (2012) p.25).

Além disso, temos no romance a vertente do casamento arranjado, que é fortemente criticado através do desenvolvimento da sua narrativa. A narrativa traz também o preconceito de gênero e raça, marcado no personagem Heathcliff. Ainda, mostra a discriminação social, que é a grande causa de todo o conturbado desfecho dessa história, afastando seus personagens principais de um possível final feliz.

Por isso, diferentemente dos casais protagonistas de outros romancistas anteriores, como Jane Austen e Ann Radcliffe, que traziam em seus enredos desfechos moralizantes e fortalecimentos sociais e familiares, em *O Morro dos Ventos Uivantes*, Emily Brontë mostrava o casal Heathcliff e Catherine Earnshaw fugindo do romantismo estilizado, ou seja, uma história que unia o amor sublime ao trágico, opondo-se a todos os estilos da época e com uma forte linguagem, permeada de violência. Mostravam-se fora do paradigma esperado pelos leitores da época. Assim, se partirmos para o conceito de “paradigma” o mesmo se deriva do grego “parádeigma”, refere-se a algo que mostre ser um exemplo geral, um modelo, um padrão, de acordo com o *Priberam* (dicionário online), ou seja, à construção do texto apresentado causou certo impacto na sociedade inglesa por não corresponder a esse conceito.

Com base no que foi apresentado anteriormente, o propósito desta pesquisa é mostrar de que maneira Catherine e Heathcliff quebram o paradigma romântico imposto pelo romance romântico da era oitocentista. Assim sendo, buscaremos analisar *O Morro dos Ventos Uivantes, de Emily Brontë*, a partir da peculiaridade de seus protagonistas, com os objetivos específicos de observar como o enredo apresenta esses personagens e investigar como são dados os fatos que implicam na desconstrução do paradigma romântico.

Ao estudarmos literatura inglesa, nos fascinamos por essa grande e magnífica história que compõe *O Morro dos Ventos Uivantes*, sua representação gótica da ambientação, sua linguagem ao descrever cada passagem das emoções sentidas e vividas de seus personagens. Tudo isso levou nós, como leitores, a uma imensa satisfação.

Na divisão do trabalho aqui apresentado, temos os seguintes capítulos: Texto e Contexto; O Morro dos Ventos Uivantes: Clássico Literário e por último A Quebra do Paradigma Romântico: Catherine e Heathcliff. As razões que nos levaram a essa divisão é para que possamos entender melhor: o cenário literário que estava à sociedade perante a produção feminina, mostrando também o contexto em que vivia a autora Emily Brontë que influenciou em seu romance clássico; e como este fez se apresentar seus personagens, que iam contra os conceitos padrões de heróis românticos.

Dessa maneira, o capítulo “Texto e contexto” abordará o romance inglês com foco no romance feminino; esta parte ainda procura conhecer a vida da escritora Emily Brontë e como surgiu seu único romance. No terceiro capítulo, “O Morro dos Ventos Uivantes: clássico literário”, explanaremos a obra mostrando como ela teve sua recepção quando publicada, observando suas divergências dos modelos tradicionais daquela época. No quarto capítulo, A quebra do paradigma romântico: Catherine e Heathcliff serão mostrados os acontecimentos que nos leva a dizer que esses personagens desconstroem o paradigma romântico. E, por fim, apresentaremos nossas considerações finais acerca desse trabalho.

2 TEXTO E CONTEXTO

2.1. Romance Feminino Inglês

A história do romance, como em outro qualquer gênero literário, apresenta aspectos de difícil estudo, tornando-se, assim, uma tarefa problemática para delinear sua formação. Independentemente das tentativas necessitarem de esforços para entender seu desenvolvimento, vale ressaltar que a forma romanesca por muitos anos foi relacionada ao modelo masculino. Considerada uma semi-arte, ou arte menor, a princípio, o gênero romance não conseguiu o devido reconhecimento, era inferiorizado à poesia e ao drama, sendo identificado como um gênero burguês (cf. REUTER, 1996; ZÉRAFFA, 1971).

No que se refere aos estudos sobre a origem do gênero romanesco, algumas perspectivas de análise histórica devem ser destacadas. De acordo com os estudos de Daise Lilian F. Dias (2012), alguns estudiosos como Reuter e Zérafra mostram a ideia de que este gênero foi inicialmente rejeitado pelo fato dele não ser contemplado na *Poética* (1970) de Aristóteles. Já o pesquisador e teórico Mikhail Bakhtin (2002), em estudo mais aprofundado, destaca o fato de que o embrião desse gênero moderno já existia entre os gregos, ao citar o livro *Satiricon* de Petrônio. No entanto, utilizando uma visão de mundo mais marxista, Jane Miller (1986) e, principalmente, o teórico húngaro Georg Lukács (2000) afirmam que de fato o surgimento do romance se deu no século XVIII com ascensão da burguesia. Assim sendo, ele é, por natureza, um gênero burguês, ou seja, o romance deve ser visto como “gênero artístico dominante da sociedade burguesa” (ANTUNES, 1998, p. 185). Dessa concepção, o teórico húngaro constrói um de seus textos mais conhecidos: *O romance como epopeia burguesa*.

Segundo Sandra Guardinini Vasconcelos (2002) a ascensão da burguesia provocou uma grande mudança da vida inglesa, pois além de trazer prosperidade, também trouxe transformação nos costumes e no cotidiano de homens e mulheres. E com essa nova mudança surgiu o capitalismo. Nesse contexto de transformações, a burguesia fez universalizar um padrão que dava à mulher a função exclusiva de mãe e esposa e, mesmo quando elas adquiriram uma visibilidade literária, esse lugar sempre lhes foi relacionado “segundo os termos da ideologia da domesticidade [...] ideias principalmente relativas a seu papel social e à instituição do casamento” (VASCONCELOS, 2002, p. 106). Contudo, Virgínia Woolf (2004) apresenta que durante a segunda parte do século XIX, o gênero romance passou a ser

associado à produção de autoria feminina, sendo de grande importância para o desenvolvimento de sua tradição literária. Desse modo, o gênero, tido como inferior, foi o espaço encontrado pelas mulheres para trilharem o caminho da literatura.

Entendendo o contexto desse período de transformação, é possível afirmar que a literatura não era um caminho fácil para quem se propusesse segui-la nos séculos XVII e XVIII, principalmente quando se tratavam de mulheres que já enfrentavam e encaravam as duras normas patriarcais que as delimitavam de diversas maneiras. Suas condições de vida eram extremamente restritas. A vida social da época era dividida entre os sexos, as mulheres inglesas eram obrigadas a seres dependentes, tinham seus requisitos e capacidades anuladas, eram privadas de educação e obrigadas a uma vida cotidiana entediante. Pouco se poderia esperar delas como produtoras de conhecimento. Sobre essa condição do feminino, Jane Miller (1986) mostra o medo e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao longo da sua jornada literária:

Disfarçadas como homens, encontram-se, colonizadas ou provincianas, na metrópole, confrontadas com suas próprias vidas e naturezas, seus desejos e corpos, como foram definidas e descritas pelos homens. Se as mulheres não podem ser justamente consideradas como conspirando com a opressão dos homens sobre elas, certamente não acharam fácil lidar com a determinação dos homens em relação a elas na mesma linguagem em que os homens têm usado para colonizá-las. Dependência, como uma colônia, é mantida através do medo; E o medo é um estado de ser e um tema central nos romances das mulheres [...].²

O medo ao qual Miller refere-se é à reprodução, a criação, as críticas, o fracasso, e o sucesso no mundo editorial, de embarcar nessa possibilidade de mudança ou inversão na ordem patriarcal. O medo de ir contra a tradição, da autoridade masculina ao qual conferia a eles o controle da sociedade de ordem histórica e cultural já existente.

Ainda que houvesse receios, por parte delas, no romance feminino do século XVIII, por meio de pseudônimos ou até mesmo de forma anônima, a voz feminina não ficou de fora

²“Disguised perfunctorily as men, they find themselves, colonials or provincials in the metropolis, confronted by their own lives and natures, their desires and bodies, as they have been defined and described by men. If women cannot justly be regarded as conspiring with men’s oppression of them, they have certainly not found it easy to tackle men’s determination of them in quite the same language that men have used to colonize them. Dependence, like a colony, is maintained through fear; and fear is a state of being and a central theme in women’s novels [...]”

de adentrar e assumir funções antes tidas como masculinas no universo literário. Contudo, é fato perceptível que as mulheres suportaram as adversidades, sofreram fortes críticas, foram chamadas de imorais e de má reputação, pesando sobre elas bastantes recriminações de indecências, pois muitas vezes o que era escrito por elas era vinculado à suas vidas, ou seja, era comparado o “publicar” ao “tornar-se público” na interpretação daqueles que as julgavam. A única saída que elas encontraram foi tendo que enfrentar o desafio de se manter no limite do que era “feminino” (cf. VASCONCELOS, 2002).

A sociedade considerava-as como inferiores e tornavam-nas alvo de sátiras. E mesmo com as incessantes exigências da sociedade à sua feminilidade, elas contribuíram para o gênero romance, criando uma tradição do romance feminino. Para Virgínia Woolf (2004) as mulheres escritoras pioneiras até o século XIX eram desestimuladas pela crítica e não tinha um sustento de tradição feminina. As poucas obras de autorias femininas que existiam não eram de muita serventia de acordo com a autora, acarretando na ida das mulheres às fontes de autoria masculina. Ainda segundo a estudiosa inglesa, a partir dessas leituras elas puderam adaptá-las para seu uso, num sentido de gerar uma mudança.

Como afirma Woolf (2004, p. 119) esclarecendo, que ao olhar mulheres escritoras oitocentistas como Emily Brontë percebe-se “[...] que ela é tanto uma herdeira quanto uma geradora”, ou seja, em sua afirmação a autora vê Brontë sendo além de uma herdeira que foi capaz de adaptar o estilo romanesco já existente a seu favor, criando, assim, seu próprio modo literário.

Apesar do desenvolvimento do gênero romanesco na Inglaterra ter ocorrido no século XVI, seus primeiros passos para uma popularidade crescente só se fortalece com *Robinson Crusóé* (1719) de Daniel Defoe. Somente a partir do século XIX é que o romance conseguiu prestígio, dominado por Jane Austen, e pela sua influência nas primeiras décadas, algo que a crítica denominou como *romances sentimentais*. Nesse contexto de construção do gênero romanesco inglês, de acordo com J. A. Cuddon (1998, p. 567) “Aos anos 1840 pertencem às obras clássicas das irmãs Brontë.”³

Como destacamos, foi por meio da forma romanesca que as escritoras pioneiras da Inglaterra usaram desse gênero para construir seu lugar na literatura. Ao contrário da escrita racional masculina, elas buscaram escrever sobre a moral e, dessa forma, contribuíram para a

³“To the 1840s belong the classic works of the Brontë sisters [...]”(tradução nossa)

idealização de feminilidade em suas diversas representações, alternando entre a fragilidade e independência, castidade e beleza, fragilidade e vigor mental. Resumindo o lugar da mulher nesse contexto opressor, podemos citar um trecho da obra Jane Austen, que nos mostra em sua personagem Anne Eliot, de *Persuasão* (1818), o que é reservado à mulher. Em conversa com Harville, o capitão, assim nos diz Anne: "[...] os homens têm tido todas as vantagens sobre nós de contar sua história. A educação tem sido deles em um grau muito maior; a caneta está nas mãos deles" ⁴ (AUSTEN, 1994, p. 129).

A partir das leituras de Vasconcelos (2002), observamos que foi através do romance que as “Amazonas da pena”, intituladas assim por Samuel Johnson, conseguiram firmar seu direito à expressividade literária. Inclusive, Virgínia Woolf em *Um teto todo seu* (1929) mostra seu entusiasmo ao se referir à escrita feminina reconhecendo esse fato como um feito histórico: “Assim para o término do século XVIII promoveu-se uma mudança que, se eu estivesse reescrevendo sua história consideraria de maior importância do que as Cruzadas [...] A mulher de classe média começou a escrever”⁵.

2.2. A vida de Emily Brontë e o surgimento do seu único romance

Em Thornton, Yorkshire na Inglaterra, em 30 de julho de 1818 nascia Emily, a quinta dos seis filhos de Patrick Brontë e Maria Branwell, irmã de Anne Brontë e Charlotte Brontë também escritoras. Tal como Mary Shelley, Emily Brontë cresceu em um lugar onde se dava muito a importância da cultura e elaboração literária, ou seja, seu talento literário floresceu quando sua família mudou-se para Hayworth em 1820. Com certeza, esse ambiente de acesso aos livros fez com que a escritora desenvolvesse gosto e aptidão pela criação literária.

Emily Brontë tinha apenas três anos de idade quando teve que enfrentar a morte pela primeira vez: sua mãe faleceu de câncer ainda muito jovem. Foi quando sua tia Branwell fora morar com a família. Logo depois, a jovem enfrenta novamente a morte em sua família,

⁴ “[...] men have had every advantage of us in telling their story. Education has been theirs in a much bigger a degree; the pen has been in their hands”.(tradução nossa)

⁵ Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p. 86. No original “Thus towards the end of the eighteenth century a change came about which, if I rewriting history, I should describe more fully and think about of greater importance than the Crusades[...] The middle-class woman began to write” (*A Room of One's Own*, p. 62-3)

quando suas irmãs Mary e Elizabeth, depois de terem sido mandadas para um colégio interno, onde não eram bem cuidadas, não dormiam e nem se alimentavam bem, contraíram uma febre recorrente de uma epidemia que atingiu o colégio onde elas estudavam. Como elas ficaram bastante doentes, o fato acarretou a morte das duas, em um intervalo de pouco tempo entre uma e a outra. Depois desse infeliz acontecimento, o patriarca da família resolve levar seu único filho Patrick, Emily e suas irmãs de volta para casa.

Impossível falar da vida e da carreira de Emily Brontë sem citar suas irmãs que, juntamente com ela, demonstravam talento literário desde tão cedo. No ensaio *Our plays: the Brontë juvenilia*, Carol Bock (2002, p. 35) afirma que a vida literária das Brontë começou quando o pai delas presenteou Patrick Branwell com uma caixa de soldados de chumbo. Foi então que eles começaram a criar terras imaginárias em suas brincadeiras como, por exemplo, Angria e Gondal, como forma de escapar do mundo real em que viviam.

Na vida adulta as irmãs Emily e Charlotte Brontë foram mandadas para um colégio interno para melhorar seus conhecimentos em relação a humanidades e outras línguas. Patrick Branwell foi mandado para uma escola especializada em pintura já que ele tinha aptidão pela mesma. Quando Emily ficou em um colégio apenas para moças em Bruxelas, ela escreveu um ensaio intitulado *Burterfly* (1842) que, assim como no *Morro dos Ventos Uivantes*, traz uma linguagem poética e metafórica que é carregada de temas como isolamento, solidão e também de um clima agitado e aterrorizante:

Em um daqueles estados de espírito que todo mundo se envolve às vezes, quando o mundo da imaginação sofre um inverno que arrasa sua vegetação, quando a luz da vida parece ir. E a existência se torna um deserto estéril onde vagueamos, exposto a todas as tempestades que sopram sob o céu, a esperança de descanso ou abrigo em um desses humores negros, eu estava caminhando uma noite à beira de uma floresta. O sol ainda brilhava no ocidente e o ar ressoava com as canções dos pássaros... Todos pareciam felizes, mas para mim era só uma aparência”.⁶(BRONTË, 1842, p 47)

Esse texto se deu devido à tristeza que Emily sentia boa parte do tempo. A jovem ficava com saudades da charneca e dos morros de Yorkshire. Mas, sua estadia nesse espaço solitário foi encurtado, infelizmente, com a notícia da doença de sua tia, notícia essa que

⁶ Original: “In one of those moods that everyone falls into sometimes, when the world of the imagination suffers a winter that blights its vegetation; when the light of life seems to go out and existence becomes a barren desert where we wander, exposed to all the tempests that blow under heaven, hope of rest or shelter in one of these black humors, I was walking one evening at the edge of a forest. It was summer; the sun was still shining high in the west and the air resounded with the songs of birds. All appeared happy, but for me, it was only an appearance.” (tradução nossa)

entristeceu Charlotte, ao contrário de Emily que se alegrou muito em voltar para seu paraíso, sua casa, lugar que ela tanto amava.

Quando ambas chegaram a Haworth, além do falecimento de sua tia, souberam também que seu irmão Branwell mostrou-se ter um comportamento bastante instável e agressivo para o desapontamento delas por terem suas esperanças depositadas perdidas.

De fato, a entrada de Emily Brontë na literatura se deu em 1845, após ter seus poemas descobertos por Charlotte Brontë, que convenceu uma pequena editora a publicá-los juntamente com os seus e os de sua irmã Anne Brontë em Janeiro de 1846. Dentre eles, “No coward soul is mine” (*Eu não tenho a alma covarde*), considerado na literatura inglesa um dos mais belos da autora.

Usando os pseudônimos masculinos de Currer, Ellis e Acton Bell, lançaram o volume *Poems* (1846), tendo apenas dois exemplares vendidos. Com relação aos alônimos usados pelas irmãs, merece ser destacado o fato de que eles começavam com a letra do nome de cada uma das Brontë. Apesar da pouca acolhida que o livro das três irmãs teve isso não foi motivo para que elas desistissem, cada uma optou por escrever suas narrativas separadamente. Então, foram lançados três romances, com o pseudônimo de *Currer Bell*, em 1847, Charlotte Brontë foi a primeira a publicar *Jane Eyre* que obteve grande acolhida. Nesse mesmo ano em 1847, vieram *Agnes Grey* de Anne Brontë, sob o pseudônimo de Acton Bell e *O Morro dos Ventos Uivantes* de Emily Brontë sob o pseudônimo de Ellis Bell. Esse último romance, infelizmente, gerou muitas críticas negativas que abalaram emocionalmente e entristeceram Emily Brontë, que pouco tempo depois adoeceu e contraiu tuberculose, morrendo com apenas 30 anos de idade.

Se tratando da negatividade dos críticos e leitores com relação a essa obra, mesmo que em revisões contemporâneas do *Morro dos Ventos Uivantes* reconheçam que se trata de uma história de amor, seu essencial foi ofuscado pela sua representação da brutalidade, da violência e da crueldade e da representação da forma humana no seu extremo. Além disso, por não demonstrar um desfecho com enfoque na moralidade, o romance foi considerado censurável. Contudo, apesar das maneiras que se apresentavam os revisores, chocados e desgostosos com o que liam e/ou analisavam, parte deles reconheceu que aquela obra tratava-se de um romance escrito por um novo e grande escritor. (cf. OHMANN e SHOWALTER, 1971, p, 907).

Segundo Alessandro Yuri Allegrete (2016), embora haja grandes estudos sobre o romance *Morro dos Ventos Uivantes*, as pesquisas não trabalham com o modo como essa obra surgiu. Isso se dá porque Emily Brontë não deixou registros de como o surgimento do texto

aconteceu. A escritora, diferente dos demais autores de sua época, tais como: Henry James, Charles Dickens, George Eliot – criou uma incógnita sobre a ideia do escrito do romance.

É notável que autores tragam em suas obras aspectos intrínsecos, seja de sua vivência e/ou de sua carência, no *Morro dos Ventos Uivantes* podemos perceber elementos da vida pessoal da autora. Sem cair nos biografismos, podemos apontar alguns aspectos da obra que podem ser associados aos da vida da escritora. A princípio temos Catherine, a personagem que altera a ordem das coisas de uma forma que se assemelha as opiniões de Emily, de acordo com Charlotte Brontë. (cf. STONEMAN, P. 1996). Além disso, a autora destaca na sua obra a orfandade prematura. Soma-se a tudo isso o fato do romance apresentar constantes mortes no meio familiar. Para finalizar, temos a presença da governanta Nelly da narrativa, que, pode-se afirmar, foi uma homenagem da autora à empregada da família, Thabitha (Taby), que além do costume de lhes contar histórias, também ensinava as tarefas domésticas a Emily e suas irmãs, enquanto o patriarca da casa ensinava latim ao filho homem Patrick B. Brontë. O comportamento antissocial e agressivo do seu irmão é destacado em dois de seus personagens, em Heathcliff e Hindley.

Mas o que procuramos destacar na obra é o modo como a autora traz para a narrativa um par romântico que foge do padrão estabelecido para a época, como veremos a seguir na próxima parte de nosso texto.

3 O MORRO DOS VENTOS UIVANTES: CLÁSSICO LITERÁRIO

3.1. Recepção do Romance

Atualmente *O Morro dos Ventos Uivantes* é apontado como sendo um dos clássicos da Literatura inglesa. Entretanto, ele sofreu fortes críticas, por fugir do cenário habitado, ou seja, mesmo sido mostrado de maneira refinada, era diferente aos romances publicados no século XIX. Os críticos literários se mostraram abalados com o que interpretaram como sendo imoral, não só pelo linguajar de seus personagens, mas também pelo método um tanto diferente de narrar, usado pelo suposto autor. Além disso, mostraram insatisfação também no que dizia respeito ao excesso de suas cenas violentas, e de forma dura criticaram as maneiras de Catherine e Heathcliff, casal protagonista.

No dia 25 de Dezembro de 1847, o resenhista H.F. Chorley publica uma crítica pelo jornal britânico *Athenaeum* onde vê com maus olhos a descrição da brutalidade de Heathcliff e a forma minuciosa como autora mostra as circunstâncias vis e desprezíveis na sua obra, onde os remotos e inospitais recantos da Inglaterra são apresentados:

Apesar de muito poder e esperteza; Apesar de sua verdade para a vida nos recantos remotos e cantos da Inglaterra, "*O Morro dos Ventos Uivantes*" é uma história desagradável. Os Bells parecem afetar assuntos dolorosos e excepcionais: - as transgressões e opressões da tirania - as excentricidades da "fantasia da mulher". Eles não se afastam de se debruçar sobre aqueles atos físicos de crueldade que sabemos ter sua autorização nos anais reais do crime e do sofrimento, mas a contemplação de que o verdadeiro gosto deve rejeitar. O mestre brutal da casa solitária em "*O Morro dos Ventos Uivantes*" - uma prisão que pode ser retratada na vida real - tem, sem dúvida, seu protótipo naqueles antigos e remotos distritos onde seres humanos, como as árvores, crescem tortosos e atrofiados pelo clima inclemente; Mas ele poderia ter sido escrito por tintas menos "carregadas", em vez de preencher tão inteiramente a tela que quase não há uma cena "imaculada" por sua presença.⁷

Dessa maneira, H.F. Chorley mostrou-se aborrecido pela falta de suavidade da autora ao apresentar carregados acontecimentos surpreendentes, extravagantes e chocantes para a época, mas que hoje entendemos que caracteriza a originalidade da representação sem

⁷ Original: "In spite of much power and cleverness; in spite of its truth to life in the remote nooks and corners of England, 'Wuthering Heights' is a disagreeable story. The Bells seem to affect painful and exceptional subjects: - the misdeeds and oppressions of tyranny - the eccentricities of "woman's fantasy". They do not turn away from dwelling upon those physical acts of cruelty which we know to have their warrant in the real annals of crime and suffering, - but the contemplation of which true taste rejects. The brutal master of the lonely house on "Wuthering Heights" - a prison which might be pictured from life - has doubtless had his prototype in those ungenial and remote districts where human beings, like the trees, grow gnarled and dwarfed and distorted by inclement climate; but he might have been indicated with far fewer touches, in place of so entirely filling the canvas that there is hardly a scene untainted by his presence". (tradução nossa)

ornamentos do interior da Inglaterra descrita por Emily Brontë. Levando-se em conta o modo como o texto trata a natureza, seja ela externa, ou seja ela a natureza interior do ser humano, destacamos aqui um ponto importante que mostra *O Morro dos Ventos Uivantes* como um romance divergente dos demais. Nessa obra, a natureza humana é representada no sua pior expressão: sordidez, ódio, crueldade e ambição.

Ainda destacando outra crítica sobre o romance, em 22 de Janeiro de 1848 no jornal *The Atlas* foi publicada anonimamente uma resenha na qual o resenhista desmerece o fato dos personagens causar sofrimentos uns nos outros, assim como em si mesmos. É destacado o modo como esse sofrimento é capaz de ultrapassar gerações e, também, é destacada a falta de sentimentalismo dos personagens:

O Morro dos Ventos Uivantes é uma história estranha e destituída de preparo artístico. Há evidências em cada capítulo de uma espécie de força áspera - uma força inconsciente - que o autor parece nunca pensar em voltar para tirar vantagem. O efeito geral é inexpressivelmente doloroso. Não sabemos nada em toda a nossa literatura fictícia que apresenta imagens tão chocantes das piores formas da humanidade. *Jane Eyre* é um livro que afeta o leitor às lágrimas; Toca as fontes mais escondidas de emoção. *O Morro dos Ventos Uivantes* lança uma melancolia sobre a mente não fácil de se dissipar. Não amacia; Ela atormenta, amplia... Há passagens nele que nos lembram dos *Nowlans* do falecido John Banim, mas de todas as obras pré-existentes, a que mais faz pensar é *A história de Mathew Wald*. Não tem, contudo, a unidade e a concentração dessa ficção; Mas é uma história disforme, que nos carrega e não poupa o leitor, apresentando angústia por duas gerações de sofrendores - embora um gênio malicioso que guia o desenrolar dos fatos e projeta uma sombra sinistra sobre o todo da obra, e transmite uma unicidade de malignidade ao conto um tanto desarticulado.⁸

Ao observarmos *O Morro dos Ventos Uivantes*, o mesmo afeite depreciadas leituras por trazer à tona uma visão do ser humano, em aspectos perturbantes. Além de mostrar de maneira implacável a natureza da humanidade, o romance parece querer manter o leitor distante dessa expressão negativa e desse mundo estranho que é narrado. Em geral, a crítica

⁸ Original: “*Wuthering Heights* is a strange, inartistic story. There are evidences in every chapter of a sort of rugged power—an unconscious strength—which the possessor seems never to think of turning to the best advantage. The general effect is inexpressibly painful. We know nothing in the whole range of our fictitious literature which presents such shocking pictures of the worst forms of humanity. *Jane Eyre* is a book which affects the reader to tears; it touches the most hidden sources of emotion. *Wuthering Heights* casts a gloom over the mind not easily to be dispelled. It does not soften; it harasses, it extenterates.... There are passages in it which remind us of the *Nowlans* of the late John Banim but of all pre-existent works the one which it most recalls to our memory is the *History of Mathew Wald*. It has not, however, the unity and concentration of that fiction; but is a sprawling story, carrying us, with no mitigation of anguish, through two generations of sufferers—though one presiding evil genius sheds a grim shadow over the whole, and imparts a singleness of malignity to the somewhat disjointed tale.” (tradução nossa)

não aceitava a realidade dura que o romance de Emily Brontë apresentava com seus personagens intensos e violentos.

Era de difícil aceitação do público leitor que o *Morro dos Ventos Uivantes* tivesse sido escrito por uma mulher, posto que Emily Brontë fosse adversa à publicação temente que julgassem de maneira negativa sua obra, mesmo que publicado com um pseudônimo masculino de Ellis Bell. Contudo, quando os romances *Jane Eyre* e *Agnes Grey*, de Charlotte e Anne Brontë, respectivamente, foram publicados usando os pseudônimos Currer e Acton Bell, houve especulações que se tratava de um mesmo autor, foi então quando as irmãs tiveram que revelar suas identidades.

De acordo com o estudioso Alessandro Yuri Alegrette (2016), foi somente no final do século XIX que *O Morro dos Ventos Uivantes* alcançou reconhecimento após uma longa disputa entre o público leitor e os críticos. O romance teve sua devida importância respeitada por autores reconhecidos como Virginia Woolf e E. M. Foster. Portanto, na atualidade, *O Morro dos Ventos Uivantes* é, sem demandas alguma, de acordo com uma fração de teóricos, "a mais perfeita expressão do romantismo inglês" (CORDEIRO; ALAMBERT, 2005, p. 12). Com relação a esta obra, um dos maiores críticos de literatura de língua inglesa, Harold Bloom, tece a seguinte afirmativa: "é uma obra clássica e canônica que recompensa o leitor em todos os níveis de sofisticação literária" (2008, p.7), ou seja, sua importância literária é inquestionável.

3.2 Divergências ao modelo tradicional

O romance em questão foi escrito na Era Vitoriana e pertence ao *Romantismo Inglês* segundo a história da literatura. Em *O Morro dos Ventos Uivantes*, sua autora, de maneira singular, trouxe uma temática amorosa que desafiou e colocou em risco os costumes rigorosos e valores daquela época. Ela dispôs do imperialismo na qual estava a sociedade inglesa para mostrar seu pensamento ao criticar os ditames e condições sociais, onde podemos ver seu desconforto refletido em alguns de seus personagens frente às posições sociais.

A publicação dessa narrativa gerou grande especulação acerca de quem era Ellis Bell, pseudônimo usado pela autora. Vale ressaltar que o romance *Jane Eyre* de Currer Bell, pseudônimo para Charlotte Brontë, irmã de Emily, tinha surpreendido os críticos e leitores mesmo trazendo em sua narrativa uma surpreendente história escandalosa para a época, pois falava de temas como: relação de amor entre patrão e empregada, bigamia, comportamento agressivo e rude de um dos seus personagens principais (Mr. Rochester). Esta obra Charlotte Brontë foi bem recebida por parte da crítica, diferentemente da recepção do *Morro dos Ventos Uivantes*.

A história contida no livro se passa nas duas únicas e opostas propriedades existentes numa região chamada de Gimmerton. Ainda tratando do espaço da narrativa, o texto mostra que a propriedade conhecida como Morro dos Ventos Uivantes, que dá nome ao romance, pertencente aos Earnshaw, e a Granja Thrushcross⁹ pertencente aos Linton. O desenvolvimento da narrativa acontece em uma economia patriarcal durante o último quarto do século XVIII com um forte e denso enredo descrito.

Tratava-se de uma obra que fazia uso de uma narrativa em primeira pessoa, contribuindo ainda mais para a veracidade dos fatos narrados, a partir do ponto de vista de múltiplos narradores (PETERSON, 2003). Inicialmente, temos a narração do Sr. Lockwood (BRONTË, 2012, p.14)¹⁰ “Com uma apatia insossa, apoiei a cabeça na janela e continuei soletrando os nomes: Catherine Earnshaw... Heathcliff... Linton, até que meus olhos se

⁹ Original: *Thrushcross Grange*

¹⁰ De agora em diante, sempre que usado citações em português e inglês de *O Morro dos Ventos Uivantes* será do livro de Edição bilíngue, traduzido por Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2012.

fecharam”¹¹. E, posteriormente, a narração de Nelly Dean, empregada da família Earnshaw e posteriormente dos Linton:

Assim que terminei de ler fui direto ao patrão e o informei-o de que sua irmã havia chegado ao Morro dos Ventos Uivantes e que me enviará uma carta, expressando sua tristeza pela Sra. Linton e seu ardente desejo de ver o irmão; também lhe contei da esperança de Isabela de que eu lhe levasse, assim que possível algum sinal de perdão da parte dele.¹² (BRONTË, 2012, p. 82).

Pensando o texto como um construto de seu período, com representatividades opostas, Nelly Dean simbolizava a vida rústica, onde os hábitos e crenças rurais sobressaem. Por outro lado, Mr Lokwood fez-se mostrar os princípios da aristocracia inglesa junto aos códigos morais inflexíveis. Além disso, Emily Brontë também revolucionou na sua representação do feminino e masculino na obra, junto aos personagens Catherine e um cigano de procedência incerta, Heathcliff, como protagonistas complicados. Ainda trazia discurso direto em linguagem informal, ambiente doméstico descrito de maneira verossímil que apresentava alguns costumes típicos de Yorkshire, local onde a escritora cresceu, como por exemplo, alimentação típica, hábito de ler a Bíblia, entre outros.

A escolha de Emily Brontë pela ambientação situada no interior da Inglaterra favorece a veracidade da fala dos seus narradores/personagens como Joseph e Hareton que usavam uma linguagem comum entre os habitantes da representada região e essa variedade linguística usada concede uma pluralidade linguística de difícil entendimento para os ingleses leitores da época.

O Morro dos Ventos Uivantes seguia divergente dos romances daquele século, por exemplo, das escritas de Jane Austen que seguiam um estilo neoclássico. Ela era uma romancista que falava de condutas sociais, costumes e práticas. Contudo, ainda que suas personagens mostrassem bastante força em suas narrativas, não deixavam os preceitos padrões. E os conflitos entre os casais, nos desenvolvimentos de suas narrativas, como em *Pride & Prejudice*, obra escrita em 1797, mas publicada em 1813, *Sense & Sensibility*, também de 1797, mas publicada em 1811, e em *Mansfield Park* (1814) havia sempre um final feliz, divergindo da escrita de Emily Brontë.

¹¹ “In vapid listlessness I leant my head against the window, and continued spelling over Catherine Earnshaw—Heathcliff—Linton, till my eyes closed” (p. 191)

¹² “As soon as had perused this epistle I went to the master, and informed him that his sister had arrived at the Heights, and sent me a letter expressing her sorrow for Mrs. Linton's situation, and her ardent desire to see him; with a wish that he would transmit to her, as early as possible, some token of forgiveness by me.” (p. 236)

Distante dos neoclássicos e padrões clássicos, *O Morro dos Ventos Uivantes* tinha uma caracterização de proximidade da vida prática e do cotidiano, valorizando o particular ao contrário do típico. A obra traz sadismo, violência e brutalidade nas reações de seus protagonistas, como podemos perceber, por exemplo, em Heathcliff, ao dizer “Não tenho piedade! Não tenho piedade! Quanto mais os vermes de contorcem, mais vontade eu tenho de esmagar-lhes as entranhas! É como uma dor de dentes moral: quanto mais a dor aumenta, mais aperto os dentes”¹³(BRONTË, 2012, p. 86), sendo um reflexo da época, frente à sociedade urbana brutal do século XIX. Além de tudo disso, *O Morro dos Ventos Uivantes* aparentemente não apresentava no seu desfecho algo que remetesse a construção ou instrução moral aos seus leitores, causando certa estranheza.

Ao contrário de Emily Brontë, Ann Ward Radcliffe (1764-1823), importante escritora do final do século XVIII, tal como Jane Austen, apresentava também escritas sentimentais. E de acordo com as obras de Radcliffe, podemos observar que geralmente a mesma repete a descrição e o comportamento de suas protagonistas em suas narrativas, sendo elas moças órfãs e indefesas, como em *The Mysteries of Udolpho* (1794), enredo esse que trazia um desfecho moralizante, onde a mocinha tinha seu final feliz com o homem que amava, os vilões eram presos ou castigados da forma que mereciam. Dessa maneira, Ann Ward Radcliffe buscava reafirmar os valores morais da época e a importância da reação familiar e social. Aspectos esses não encontrados na obra de Emily Brontë.

Todas essas divergências e características ímpares levaram Emily Brontë a ser instrumento de pesquisa, como mostra David Cecil (1958, p. 137-138, tradução nossa) em seu célebre estudo sobre a autora e seu romance, defende a escritora, ao falar que ela está à frente de qualquer tradição literária, pois: “Ela escreve sobre assuntos diferentes de um modo diferente e de um ponto de vista diferente”.¹⁴ (1958, p. 137-138). Destacando assim, o fato de que Emily Brontë não escrevia para agradar seus leitores, por isso não ficava limitada à recepção que teria do público, e, dessa maneira, ela seria livre para falar e como falar, causando assim uma surpresa para os leitores e críticos oitocentistas que julgavam o romance com aspectos inapropriados para a escrita feminina.

¹³ “I have no pity! I have no pity! The more the worms writhe, the more I yearn to crush out their entrails! It is a moral teething: and I grind with greater energy in proportion to the increase of pain”. (BRONTË, 2012, págs, 238-239)

¹⁴ “She writes about different subjects in a different manner and from a different point of view”. (Tradução nossa)

De acordo com pesquisas desenvolvidas por Daise Lilian F. Dias (2012), podemos perceber que, com base no que fala Harold Bloom, (2007, p. 1), devido às leituras que Emily Brontë e suas irmãs faziam acerca das poesias de Lord Byron (1788-1824), escritor pertencente ao Romantismo Inglês, elas criaram uma nova perspectiva temática. E, também, a partir dessas leituras, podemos notar possíveis relações entre os personagens criados por elas e o que é veiculado nessas poesias de Byron. Como exemplo disso, temos Heathcliff como criação de Emily Brontë. E para sustentar sua afirmação Bloom (2007, p. 2) diz que o romance de Emily Brontë apresenta características byronianas ao demonstrar "Sexualidade passiva-agressiva - ao mesmo tempo sadomasoquista, homoerótica, incestuosa e ambivalentemente narcisista". Contudo, *O Morro dos Ventos Uivantes* sugere uma relação de reciprocidade às desigualdades da dominação masculina, com acontecimentos incomuns, espantosos e um mistério sem resolução.

É perceptível que a narrativa é escrita em um contexto onde apresenta características como o egocentrismo e individualismo. O exemplo disso, percebemos na fala da personagem Catherine ao diz a Heathcliff que “gostaria de poder segurá-lo, até que estivéssemos ambos mortos! Não me importo que tenha sofrido. Pouco me importam os seus sofrimentos. Por que não deveria sofrer? Eu sofro!”¹⁵. (BRONTË - grifo meu, 2012, p. 89). Além do mais, também encontramos pessimismo e sentimentalismo exagerado que caracteriza a obra como sendo uma das mais românticas que os próprios de sua época.

¹⁵ Original: “I wish I could hold you—she continued, bitterly—till we were both dead! I shouldn’t care what you suffered. I care nothing for your sufferings. Why shouldn’t you suffer? I do” (BRONTË, 2012, p. 241)

4 A QUEBRA DO PARADIGMA ROMÂNTICO: CATHERINE E HEATHCLIFF

O *Morro dos Ventos Uivantes* chocou o público leitor da sociedade inglesa do século XIX, quando esse público se deparou com uma história de amor apaixonante e obscura entre Catherine e Heathcliff, seus protagonistas. O texto apresenta uma realidade oposta a todos os estilos da época, com forte linguagem, e cenas de violência, pois Brontë tratava o amor dos protagonistas de uma forma não tradicional, fugindo do romantismo estilizado.

Os elementos conflitantes que a obra apresentava era o romantismo caracterizado byroniano e o moralismo vitoriano, conflito esse que levava os personagens a decidirem entre fazer o que queriam o que desejam ou o que a tradição esperava que eles fizessem. E por seguirem o costume, por não desapegarem das normas e tradições, Catherine e Heathcliff foram vítimas e ao mesmo tempo culpados da sua separação, impedidos por suas próprias atitudes resultando no amor não concretizado em suas vidas.

Antes de vermos de que maneira Catherine e Heathcliff não seguem a moralidade aristocrata inglesa, quebrando com o paradigma romântico, é necessário fazer uma análise das características que os compõem de maneira tão íntima que os ligam um ao outro.

A narrativa atribui à personagem Catherine uma personalidade marcante, trata-se de uma personagem que desde sua infância rompia com os padrões de comportamento, como podemos ver na narração de Nelly para Lockwood ao se referir a Catherine:

Ela com certeza usava de espertezas que eu nunca vira antes numa criança. Esgotava nossa paciência mais de cinquenta vezes por dia. Desde a hora em que descia a escada até a hora de ir para a cama não tínhamos um minuto de paz, pois ela passava o tempo inteiro fazendo alguma travessura. Tinha o espírito sempre vivo e a língua sempre ativa – cantava, ria e atormentava a todos os que não fizessem o mesmo. Era uma moleca selvagem e endiabrada [...].¹⁶ (BRONTË, 2012, p. 25)

E com o passar do tempo, vemos Catherine Earnshaw se tornando uma mulher simples, porém orgulhosa e impulsiva. Mas apesar do seu temperamento forte, magoava-se

¹⁶ Original: “Certainly she had ways with her such as I never saw a child take up before; and she put all of us past our patience fifty times and oftener in a day: from the hour came down-stairs till the hour she went to bed, we had not a minute’s security that she would not be in mischief. Her spirits were always at high-water mark, her tongue always going – singing, laughing, and plaguing everybody who would not do the same. The wild, wicked slip she was[...].” (BRONTË, 2012, p. 198)

com facilidade, devido aos seus sentimentos tão intensos, incontroláveis e passionais. Tinha mudanças abruptas no seu humor e transformava facilmente o riso em choro em minutos.

Em se tratando do protagonista masculino da obra, levamos em conta o que Chris Baldick, em *The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms*, nos mostra sobre o herói byroniano. Do que é levantado por Baldick, podemos perceber que sua descrição desse herói se encaixa perfeitamente no perfil de Heathcliff, por ser um “audacioso desafiador, mas, ao mesmo tempo, um exilado que se atormenta amargamente; orgulhosamente desdenhoso quanto às normas sociais, mas sofrendo por algum pecado inominado”.¹⁷ (BALDICK, 2001, p. 31), ou seja, um homem atormentado, apaixonado e ao mesmo tempo vingativo. As ações de vingança podem ser identificadas nos seus sentimentos extremamente impulsivos, onde sua maldade era feita de forma extrema e doentia, realizador de uma vingança, como punição aos que ele julgava culpados pelo seu sofrimento, ou seja, causadores dos atos que levaram a não realização de seu plano de união com Catherine. Tudo isso lhe contribuiu de forma decisiva, causando sua ruína.

Os críticos apontam Heathcliff como a grande fonte de dificuldade da história e que sua vingança é o fim que justifica as suas ações. (cf. STONEMAN, p. 1996). Contudo, era um introspectivo capaz de destruir a si e a todos. Não poupava ninguém. Punia as pessoas pelo amor ou por falta dele.

Pelas características que ambos os personagens, Catherine e Heathcliff, apresentam, são perceptíveis suas diferenças em relação a outros heróis protagonistas apresentados em muitas obras oitocentistas anteriores. Entretanto, mesmo apresentando divergências aos casais protagonistas tradicionais, nossos heróis em questão não deixam de serem tão românticos quanto os outros na sua representação peculiar e original.

Com relação aos arquétipos de heróis e heroínas apresentados naquela época vitoriana, os protagonistas da obra em questão não se encaixam nos padrões comuns apresentados, ou seja, fogem da categoria em diversas maneiras. O exemplo disso, a partir das leituras de *Orgulho e Preconceito*¹⁸ de Jane Austen, podemos observar quais os princípios básicos de um modelo de homem digno de um matrimônio, como a própria autora afirma que “é uma

¹⁷ Original: “a boldly defiant but bitterly self-tormenting outcast, proudly contemptuous of social norms but suffering for some unnamed sin”.(tradução nossa)

¹⁸ Original: *Pride and Prejudice*

verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna, deve estar necessitado de esposa”. (Austen, 1982, p. 9).

Com base nessa afirmação, Austen nos apresenta o herói de sua obra o Mr. Darcy, um rapaz que “atraiu desde logo a atenção [...] pela sua estatura, elegância, traços regulares e atitude nobre, e também pela notícia que circulou [...] de que possuía um rendimento de dez mil libras por ano”. (Austen, 1982, p. 16). Heathcliff, em comparação com Mr. Darcy, não apresentava nenhuma fortuna capaz de proporcionar a uma moça uma estrutura financeira adequada.

Continuando no pensamento de Austen, ela também nos mostra que, além de fortuna, é considerável que um rapaz seja de uma família respeitável e de prestígio. Porém, mais uma vez, o exemplo de herói entra em oposição com Heathcliff, por este ser órfão. A única família reconhecida por Heathcliff é a que lhe adotou e lhe criou, e embora esse lar não tenha sido lhe totalmente gentil, fora através desse espaço que ele vivenciou um amor mais profundo com Catherine, sua irmã adotiva.

Nesse aspecto, Emily Brontë configura no seu personagem uma desconstrução dos moldes de um herói tradicional, representando-o sem riquezas e sem origens. Contudo, há um ponto chave que intensifica ainda mais Heathcliff como um não herói romântico, ponto esse que se refere à bondade típica do “mocinho”, do cavalheiro digno de uma dama, característica essa não pertencente ao mesmo.

Inclusive, Heathcliff demonstra aspectos de maldade que o seguem desde sua infância até sua vida adulta. E apesar dele ter desenvolvido um amor por sua irmã de criação Catherine Earnshaw desde a infância, esse sentimento não foi capaz de torná-lo bondoso. E sua maldade se intensifica quando Edgar Linton surge na vida de Catherine e muda os planos que tinha com sua amada.

Contudo, ao descobrir os pensamentos de Catherine em relação aos sentimentos de Edgar Linton por ela, ou seja, a possibilidade de união entre sua amada e esse novo personagem na vida deles, um sentimento de tristeza e revolta pesa sobre Heathcliff, deixando-o furioso e levando-o a abandonar o Morro dos Ventos Uivantes. Muitos anos depois, ele retorna com bastante dinheiro e ainda mais ressentido, frio e com desejo de vingança. Quando ele reencontra Catherine, esta já está casada e grávida. É então que ele começa a pôr em prática a primeira parte da sua vingança, isto é, ele acerta as contas com

Hindley, aproveitando-se da fraqueza emocional e da bebedeira que se encontra seu antigo malfeitor, para comprar o Morro dos Ventos Uivantes.

A próxima maldade que Heathcliff comete está na conquista de Isabella Linton. Visto que a mesma já se encontrava encantada com o “cavalheiro” que aparentava ser o “novo” Heathcliff, ele aproveitar-se disso e engana a moça, casando-se com ela, ou seja, essa união representava para Heathcliff a realização da segunda parte da sua vingança, como punição aos Linton.

Todavia, o ódio de Heathcliff pelos Linton ultrapassou gerações, isto é, o mesmo articula uma união, obrigando a filha de Catherine e Linton a unir-se em matrimônio com seu filho e de Isabella Linton, este muito doente; como realização de outra de suas maldades, essa, mais uma vez, para castigar Edgar Linton.

Assim sendo, podemos observar, de acordo com alguns acontecimentos, que Heathcliff demonstrava sua maldade através de suas reações em relação a atitudes de outros para com ele e/ou pela postura que o mesmo expressava, de maneira que contribuía cada vez mais para seu modo amargo e maldoso. Perspectivas essas que certamente não pertencem a personagens caracterizados como um “mocinho” romântico tradicional.

Seguindo nesse mesmo contexto, ao se referir ao papel da “mocinha” da obra em questão, assim como Heathcliff, Catherine não se adequa ao padrão esperado pela sociedade da época. O exemplo disso pode ser dado a partir das leituras do romance *Os Mistérios de Udolfo*¹⁹ de Ann Radcliffe, onde podemos ver Emília, uma personagem caracterizada como um modelo de heroína tradicional, posto que a mesma (Emília) apresenta características que mostrara que “desde muito pequena, ela demonstrara rara delicadeza de sentimentos, um coração afetivo e muita bondade, [...] exaltada sensibilidade e uma susceptibilidade”. (RADCLIFFE, 1960, p, 9). Tais aspectos apontados como característicos da heroína de Ann Radcliffe não podem ser encontrados na heroína do *Morro dos Ventos Uivantes*.

Continuando com Emília, protagonista de Ann Radcliffe, ela também apresentava “os mais belos dotes do coração e do espírito. A educação artística também não havia sido descuidada [...] reunira livros, pincéis, instrumentos, gaiolas com aves e algumas flores raras.” (RADCLIFFE, 1960, p,10) ao contrário, de Catherine que é caracterizada por Nelly em linhas

¹⁹ Original: *The Mysteries of Udolpho*

gerais como sendo “uma criatura arrogante e teimosa [...] de natureza incontrolável, orgulhosa, tão birrenta quanto qualquer criança mimada e não conseguia esconder sua ira”. (BRONTË - grifo meu, 2012, págs. 38-41), ou seja, Catherine divergia de várias maneiras da mulher tradicional da época vitoriana, principalmente se tratando de uma possível esposa de um cavalheiro.

Contudo, por apresentar tais características Catherine e Heathcliff são os protagonistas que Emily Brontë configura uma relação amorosa bastante agitada, que ganha em seu desenvolvimento contornos muito dramáticos e, dessa maneira, a autora desse romance atribui um sentimento de grande intensidade a esse casal.

No tocante à representação do amor desses dois personagens já citados, ele acontece por meio da convivência de ambos que teve início na infância e seguiu até o fim de suas vidas. Todavia, essa representação se destacou pelos conflitos causados, primeiramente por Hindley irmão de sangue de Catherine, por não aceitar, muito menos tolerar a presença de Heathcliff em sua vida, causando assim grandes desafios para Heathcliff e Catherine. E em segundo, o envolvimento de Catherine com o bondoso Edgar Linton, rapaz de boa família e rico que disputa o amor da moça.

Se tratando dos desafios enfrentados pelo casal protagonista, a presença de Hindley dificultou bastante no relacionamento de Catherine e Heathcliff, porém esse sofrimento não se comparou com o desafio que enfrentaram a ter que se separarem pela decisão de Catherine ao escolher casar-se com Edgar Linton.

Inclusive, em uma conversa com Nelly, governanta da família, ela (Catherine) tenta explicar as razões que a levaram a decidir unir-se a Edgar em matrimônio, e a mesma diz: “porque ele será rico e vou gostar de ser a mulher mais importante das redondezas e sentirei orgulho de ter um marido como ele.”²⁰ (BRONTË – grifo meu, 2012, p, 45). Ao contrário, se ela se unisse a Heathcliff, a vida dos dois seria uma miséria: “se eu e Heathcliff casássemos, seríamos dois mendigos²¹.” (BRONTË, 2012, p, 47). Diante dessas falas de Catherine, fica claro que sua decisão de se unir em matrimônio com um homem é levada pela situação financeira que este homem poderia lhe proporcionar. Agindo assim, esta personagem de Emily Brontë foge, mais uma vez do padrão criado para as heróínas românticas inglesas.

²⁰Original: “He will be rich, and I shall like to be the greatest woman o the neighborhood, and I shall be proud of having such a husband.” (BRONTË, 2012, p, 211)

²¹ Original: “If Heathcliff and I married, we should be beggars.” (BRONTË, 2012, p, 213)

Como ponto de oposição, podemos citar a protagonista do romance *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, que rejeita a possibilidade de um casamento seguro por não amar o homem que lhe propõe uma união marital. Assim, contrário do que se esperava do casamento nos moldes do Romantismo, o romance *Morro dos Ventos Uivantes* destaca uma escolha social como mais importante do que a escolha amorosa.

Portanto, entende-se que o interesse financeiro foi o que teve maior importância na escolha que levou Catherine a casa-se com Edgar. E embora Catherine não tivesse dúvidas do amor que sentia por Heathcliff, pensando até na possibilidade de mantê-lo caso Hindley, seu irmão, o expulsasse de casa, a mesma optou pela opção racional por Edgar, decisão essa que seu amado não perdoaria. Por isso, ao ver Catherine fazer essa escolha, Heathcliff se vingou dela casando-se com Isabela Linton, irmã de Edgar Linton.

Com relação ao que falamos anteriormente, mais uma vez nos deparamos com uma união onde faltava um sentimento amoroso recíproco, configurado no casal Isabela Linton e Heathcliff. Inocentemente, Isabela Linton se apaixona por Heathcliff e o mesmo finge retribuir os sentimentos da moça casando-se com ela. Porém, a farsa dos seus sentimentos termina depois do seu casamento, tudo isso planejado como parte de sua vingança contra Edgar, por representar sua separação com Catherine, a verdadeira razão que o levou a unir-se em matrimônio com a jovem Linton.

Contudo, muitas foram às consequências decorrentes das escolhas de ambos os protagonistas do *Morro dos Ventos Uivantes*. Vidas foram arruinadas pela pressão social imposta a eles. Entre elas, com o seu casamento, Catherine, ao sacrificar seu amor por Heathcliff, sacrifica a si mesma, que tempo depois acarreta na sua morte. Pois para esses amantes o amor não foi o suficiente para que pudessem ter um final feliz, podendo ser caracterizado como personagens de um gênero melodramático como afirma a pesquisadora Ivete Huppés:

Quando a busca da realização amorosa ocupa o primeiro plano, o enredo mostra um jovem casal enamorado procurando afastar os empecilhos interpostos à sua união. Ambos experimentam um afeto sincero, mas não conseguem remover os obstáculos que os separam. A felicidade é retardada ou mesmo impossível devido a entraves de natureza social. Existe uma diferença entre eles, que o amor não consegue elidir, embora tenha força suficiente para destruí-los. (HUPPES, 2000, p. 35)

De acordo com pesquisas desenvolvidas por Alessandro Y. Alegrette (2016) podemos perceber que a existência dos aspectos do gênero melodramático da fala de Hupples, existentes nas escritas de Brontë, é perceptível pelo fato da autora trazer personagens (Catherine e Heathcliff) com fortes sentimentos um pelo outro, mas que são distanciados pelas diferenças sociais, ou seja, apesar desse sentimento (amor) unir esses personagens, ao mesmo tempo os afasta, causando grandes sofrimentos e acarretando assim na destruição de ambos.

No tocante à destruição de ambos, primeiramente o mesmo se deu na morte de Catherine após ter tido seu coração partido, causado pelo sofrimento em torno das brigas que vivia tendo com Heathcliff, seu amor, e Edgar seu marido. E embora houvesse castigado Catherine por ela ter traído seu próprio coração, e tê-lo deixado, em resposta a morte de sua amada, Heathcliff reagiu da seguinte maneira, em desejo:

Catherine Earnshaw, que você não tenha descanso enquanto eu viver! Disse que eu a matei... venha me assombrar, então! Acredito que os mortos devem assombrar seus assassinos. E eu sei que fantasmas vagam pela terra. Venha ficar comigo para sempre... tome a forma quiser, mas enlouqueça-me! Só não me deixe neste abismo, onde não posso encontra-la! Oh Deus! É inexprimível! Não posso viver sem a minha vida! Não posso viver sem a minha alma!²² (BRONTË, 2012, p. 94)

Dessa forma é perceptível, que o amor entre Catherine e Heathcliff fora correspondido, mas nunca fora concretizado. Estava além do físico, pois em nenhum trecho da história mostra o contrário.

Segundo o pesquisador Alessandro Y. Alegrette (2016) Brontë reproduz em sua obra uma emoção avassaladora, um sentimento amoroso mostrado em suas origens de maneira sublime, contudo causador de profundo sofrimento, capaz de levar seus personagens a ações e reações que perpassam da compaixão ao terror. Dentre esses momentos capazes de exprimir emoções de terror nos leitores, podemos destacar o evento em Heathcliff exuma o túmulo de Catherine:

Consegui uma pá na casa de ferramentas, e comecei a cavar com todas as minhas forças – até arranhei o caixão. Passei a trabalhar com as mãos, e a madeira começou a estalar os parafusos. Estava a ponto de atingir o meu objetivo, quando me pareceu ouvir um suspiro vindo de alguém acima de mim, inclinando-se à beira do túmulo.

²² Original: “Catherine Earnshaw, may you not rest as long as I am living; you said I killed you haunt me, then! The murdered DO haunt their murderers, I believe. I know that ghosts have wandered on earth. Be with me always-take any form drive me mad! only do not leave me in this abyss, where I cannot find you! Oh, God! it is unutterable! I cannot live without my life! I cannot live without my soul!”(BRONTË, 2012, p. 244)

“Se eu ao menos retirar essa tampa” murmurei, “podem depois jogar a terra sobre nós dois” E tentei arrancá-la mais força ainda. Ouvi outro suspiro, perto do meu ouvido. Podia sentir a respiração morna que cortava o ar gélido. Eu sabia que nenhum ser vivo de carne e osso, estava por perto; mas, assim como se percebe a aproximação de um corpo vivo no escuro, apesar de não se poder distinguir quem é, do mesmo modo senti que Cathy estava lá: não debaixo da terra, mas em cima da terra. Senti um súbito alívio fluindo do meu coração para todo o meu corpo. Renunciei à tarefa mórbida, e me senti imediatamente consolado, indizivelmente consolado. Ela estava presente ao meu lado; e permaneceu comigo quando tornei a cobrir a sepultura, e me conduziu para casa.²³ (BRONTË, 2012, p, 158)

Nessa passagem podemos observar o desejo de Heathcliff em si unir a Catherine, sua amada, pois para ele a morte dela representava também a sua morte. A morte foi à incapacitação da consumação terrena do amor deles, todavia, esse amor era representado não como apenas sendo físico, mas como sublime, de alma.

E também a morte de Catherine não a fazia menos real para Heathcliff, seu amor por ela seguia da mesma maneira. Seu desejo de tê-la perto continuava imutável. Certa vez, em uma conversa com Nelly, Heathcliff relata a visita que fez ao túmulo de Catherine, ou seja, a maneira como exumou sua amada. Logo depois, o mesmo dorme ao seu lado por uma noite, acontecimento esse que, segundo ele, lhe trouxe tranquilidade, alívio e paz:

Não perturbei ninguém, Nelly – respondeu ele - e dei um pouco de paz a mim mesmo. Vou ficar bem tranquilo agora; e vocês terão mais chance de me manter debaixo do chão, quando eu for para lá. Perturbá-la? Não! Ela é quem tem me perturbado noite e dia, por dezoito anos... sem descanso, sem ter pena de mim, até ontem à noite. Ontem à noite fiquei em paz. Sonhei que dormia meu último sono ao seu lado, ela adormecida, com meu coração imóvel e o rosto gelado contra o seu. (BRONTË, 2012, p. 157)

Em certos momentos da narrativa, nota-se que Heathcliff apresentava sinais de uma saúde mental debilitada, causada pela ausência de Catherine. E de acordo com Nelly, ele “murmurava palavras desconexas. Só consegui entender o nome de Catherine, junto com alguma expressão de amor ou sofrimento. E ele falava em tom baixo e grave, como se ela

²³ Original: “I got a spade from the tool-house, and began to delve with all my might-it scraped the coffin: I fell to work with my hands; the wood commenced cracking about the screws; I was on the point of attaining my object, when it seemed that I heard a sigh from some one above, close at the edge of the grave, and bending down. “If I can only get this off,” I muttered, “I wish they may shovel in the earth over us both!” and I wrenched at it more desperately still. There was another sigh, close at my ear. I appeared to feel the warm breath of it displacing the sleet-laden wind. I knew no living thing in flesh and blood was by; but, as certainly as you perceive the approach to some substantial body in the dark, though it cannot be discerned, so certainly felt that Cathy was there: not under me, but on the earth. A sudden sense of relief flowed from my heart through every limb. I relinquished my labour of agony, and turned consoled at once: unspeakably consoled. Her presence was with me: it remained while I re-filled the grave, and led me home.” (BRONTË, 2012, p, 286)

estivesse ali, presente; como se as palavras lhe viessem do fundo da alma.”²⁴ (BRONTË, 2012, p, 180). Fica evidente nas palavras de Nelly que ela encontrava-se preocupada com seu patrão, pois ele aparentava estar sendo atormentado por aparições de Catherine.

Entretanto, em resposta às preocupações da sua empregada Nelly, ele dizia: “estou muito feliz, mas ainda não cheguei à felicidade plena. Essa felicidade da alma está matando meu corpo.”²⁵ (BRONTË, 2012, p, 181) Podemos interpretar essa afirmação da seguinte maneira: a felicidade que Heathcliff diz sentir está ligada às aparições de Catherine a ele, e ele apenas alcançaria essa felicidade plena quando unir-se a ela em alma através da morte.

Não há dúvidas que o amor de Heathcliff por Catherine causou grande sofrimento e dor a ele desde a infância e o acompanhou até o fim de sua vida. Anos se passaram até que Heathcliff se vê cansado de viver atormentado e não vê mais sentido em sua vida, pois já havia se vingado de todos os julgados por ele culpado da sua infelicidade amorosa. Além disso, ele se deixa levar pelas visões que tem de Catherine e se entrega ao desejo de encontrar sua amada e desiste de viver, morrendo sozinho e solitário.

E assim acontece, Heathcliff une-se a Catherine em alma através da morte. Como último desejo é enterrado junto a Catherine, seu único e grande amor. E através da morte que o amor deles é concretizado, pois eles ficam juntos em alma. Como podemos ver em passagens da história, há quem afirme que o casal vaga pelo Morro dos Ventos Uivantes, por isso “[...] alguns dizem que os encontram perto da igreja, outros na charneca, e outros dizem que [...], veem os dois (Catherine e Heathcliff), olhando pela janela do quarto, a cada noite de chuva [...]”²⁶ (BRONTË – grifo meu, 2012, p, 183).

Além disso, como diz um rapazinho que se encontrava nas proximidades da charneca: “O Heathcliff está lá com uma mulher, perto da encosta—choramingou ele—e estou com medo de passar.”²⁷ (BRONTË, 2012, p. 183). Embora isso possa acontecer com frequência, Nelly acredita que seja apenas fruto da imaginação do rapaz ou de qualquer outro que apareça

²⁴ Original: “muttered detached words also; the only one I could catch was the muttered detached words also; the only one I could catch was the name of Catherine, coupled with some wild term endearment or suffering, and spoken as one would speak to a person present; low and earnest, and wrung from the depth of his soul”. (BRONTË, 2012, p, 301)

²⁵ Original: “I’m too happy; and yet I’m not happy enough. My soul’s bliss kills my body”. (BRONTË, 2012, p, 301)

²⁶ Original: “[...] who speak to having met him near the church, and the moor, and even [...] seen two on’em looking out of his chamber window on every rainy night.” (BRONTË, 2012, p, 302)

²⁷ Original: “There’s Heathcliff and a woman yonder, under t’ nab – he blubbered –un’ darnut pass ‘em.” (BRONTË, 2012, p, 303)

com essas histórias, que mostram serem consequências daqueles que ouvem conversas sobre os antigos moradores do Morro e acabam imaginando fantasmas.

Contudo, podemos interpretar esses relatos sobre as aparições de Catherine e Heathcliff como sendo um aspecto positivo para os amantes. Pois, essas exposições, mesmo que sejam uma construção imaginária dos que os veem, de certa forma, simbolizam a concretização do amor deles, posto que em vida eles não pudessem ficar juntos, em morte essa convenção social foi quebrada.

Por conseguinte, a união de amantes através da morte já fora usada na literatura – *Romeo e Julieta* é o exemplo máximo desse recurso poético – como forma de confirmar uma união não possível em vida, e nossos heróis, Catherine e Heathcliff, seguem esse mesmo contexto, onde a morte se configura como única forma dos dois ficarem juntos, em uma união não de corpos, pois o contexto social não permite, mas em alma.

Todavia, ao longo de toda a narrativa, é perceptível o grande amor apresentado por Emily Brontë na sua obra *O Morro dos Ventos Uivantes*. Sentimento esse representado através dos personagens Catherine e Heathcliff de maneira forte, intensa e como grande causador que os uniu, mas também os destruiu. O escritor francês Georges Bataille, ao comentar sobre o romance, destaca a maneira que a autora expressa o amor de seus protagonistas ao dizer que:

Nenhum amor entre seres mortais, isto não pode ser dito mais oportunamente do que da união dos heróis de *Wuthering Heights*, de Catherine Earnshaw, de Heathcliff. Ninguém expôs essa verdade com mais força que Emily Brontë. Não que ela a tenha pensado sob a forma explícita que, em minha deselegância, eu lhe dou. Mas porque ela o sentiu e o exprimiu *mortalmente*, de certa maneira *divinamente*. (BATAILLE, 1989, p. 13)

Harold Bloom segue o mesmo pensamento de Bataille, ao dizer que “a religião de Emily Brontë [...] é tão mesclada com a morte que nós não conseguimos imaginar uma consumação para o amor de Heathcliff e Catherine Earnshaw que não seja a morte²⁸” (BLOOM, 2007, p. 6). Portanto, embora houvessem surgido empecilhos durante toda a trajetória desses amantes, seja no meio familiar ou pelas condições sociais e morais que os

²⁸ Original: “Emily Brontë’s religion is [...] is so mingled with death that we can imagine no consummation for the love of Heathcliff and Catherine Earnshaw, except death”.

cercavam, dessa maneira acarretando na não concretização terrena do amor de ambos, através da morte eles podem ficar juntos.

E, por fim, depois de tudo o que vimos na obra de Brontë relacionado à caracterização e apresentação do amor entre os personagens Catherine e Heathcliff, que quebram o paradigma romântico em *O Morro dos Ventos Uivantes* pela maneira que são apresentados, podemos afirmar que eles descontroem os conceitos de heróis tradicionais por apresentarem peculiaridades de uma paixão sombria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o surgimento do gênero romanesco foi a forma propícia para a entrada das mulheres no cenário literário da época, pois o mesmo evidenciava o cotidiano da vida íntima. E a partir dessa entrada, as mulheres puderam instigar uma mudança nas práticas impostas a elas. E como foi apresentado, nesse contexto de inserção e transformação no mundo das letras, em 1847 surgiu *O Morro dos Ventos Uivantes* de Emily Brontë, publicado por meio de um pseudônimo (Ellis Bell); já que essa era uma das maneiras que as mulheres encontraram de se inserir e conseguir assumir novas funções nesse universo literário, antes tido como masculino.

Contudo, quando esse romance foi publicado, causou grande impacto naquela sociedade oitocentista, por apresentar um embate entre o moralismo vitoriano e o romantismo caracterizado byroniano. Dessa maneira, gerou fortes interpretações entre os leitores e críticos. E, por isso, esse romance passou por um longo período de rejeição pelo conteúdo apresentado.

Não obstante, depois de tudo que analisamos, é certo que *O Morro dos Ventos Uivantes* é divergente a outros romances românticos ingleses, como, por exemplo, os de Jane Austen e os de Ann Radcliffe, que em suas escritas sentimentais, falavam de condutas sociais, costumes e práticas do contexto inglês, isto é, seguiam os preceitos padrões pré-estabelecidos pelo Romantismo. Visto que a história apresentada por Emily Brontë trazia elementos divergentes dos moldes tradicionais, com fortes críticas aos costumes daquela época, apresenta protagonistas que não iam de acordo com um romance romântico tradicional. Além disso, o romance não trazia um desfecho moralizante enfatizando um fortalecimento familiar e social.

Desse modo, foram destacados nessa nossa análise os seguintes pontos: de que maneira *O Morro dos Ventos Uivantes* chocou o público leitor da sociedade inglesa do século XIX com sua forte linguagem e com cenas de violência. Além disso, foi destacado que Brontë apresentava em sua escrita uma maneira diferente da que outros autores apresentavam na época, pois seu texto trazia sadismo, violência e brutalidade nas reações de seus protagonistas, sendo um reflexo da época, frente à sociedade urbana brutal do século XIX.

Além do mais, no tocante à história de amor apaixonante e obscura entre Catherine e Heathcliff, a narrativa de Emily Brontë não é demonstrada de uma maneira tradicional, fugindo

do romantismo estilizado. Dessa maneira os personagens Catherine e Heathcliff quebraram o paradigma romântico em *O Morro dos Ventos Uivantes* pela inadequação que apresentaram tanto nas características que os compõem, mas também pela não concretização em vida do seu amor e apresentarem peculiaridades de uma paixão sombria.

Concluimos também que a leitura de *O Morro dos Ventos Uivantes* nos oferece um vasto leque de possibilidades de análise como, por exemplo, o aspecto do sobrenatural, a natureza gótica, a ambientação, a cultura, a tradição, ou seja, essa aclamada obra nos faz refletir sobre diferentes e semelhantes aspectos. Como não podíamos destacar tais temas neste trabalho, esperamos dar continuidade ao estudo dessa obra em outro momento de nossa vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ALEGRETTE, Alessandro Yuri. *As metamorfoses da escrita gótica em Wuthering Heights (O Morro dos Ventos Uivantes)*. 2016. 179 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, São Paulo.
- ANTUNES, Letícia Zini. Teoria da narrativa: o romance como epopeia burguesa. In: _____ (Org.). *Estudos de literatura e linguística*. São Paulo: Arte e Ciência, 1988.
- AUSTEN, Jane. *Persuasion*. New York: Penguin Books, 1994.
- _____. *Orgulho e Preconceito*. Tradução de Lúcio Cardoso. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5ª edição. Trad. de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- BALDICK, Chris. *The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms*. New York: Oxford University Press, 2001.
- BATAILLE, Georges. *A Literatura e o Mal*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- BLOOM, Harold. Introduction. In: _____ (Ed.). *Bloom's Modern Critical Interpretations: Wuthering Heights*. Updated Edition. New York: Bloom's Literary Criticism, 2007, pp. 1-8.
- _____. *Bloom's guides: Emily Brontë's Wuthering Heights*. Nova York: Info base Publishing, 2008.
- BOCK, Carol. 'Our plays': the Brontë juvenilia. In: GLEN, Heather (ed.). *The Cambridge Companion to the Brontës*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. Cap. 2, p. 34-53
- BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. Edição bilíngue. Trad. Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2012.
- CECIL, David. *Victorian novelists: Dickens, Thackeray, The Brontës, Mrs. Gaskell, Trollope, Eliot*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.
- CIVITA, Victor (ed). *Os imortais da literatura universal: E. Brontë*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- CORDEIRO, Renata Maria Parreira; ALAMBERT, Eliane Gurjão Silveira. Introdução. In: BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. São Paulo: Landy, 2005, p. 11-12.
- CUDDON, J. A. *The Penguin dictionary of literary terms and literary theory*. New York: Penguin Books, 1998.
- DIAS, Daise Lilian Fonseca. O erro trágico de Cathy em *O morro dos ventos uivantes*. In: *Ângulo*. Especial Faces Femininas. Ed. 117/119. Lorena/SP: CCTA, 2009, p. 23-31.
- _____. A Recepção Crítica ao Morro dos Ventos Uivantes: Questões de Mulher e Literatura. *Revista Graphos*, v. 14, n. 2, p. 18-45, 2013.

- HUPPES, Ivete. *Melodrama: o gênero e sua permanência*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Ed. Duas Cidades e Editora 34, 2000.
- MILLER, Jane. *Women writing about men: how men have been portrayed in the novels of Jane Austen, Charlotte Brontë, George Eliot, Rebecca West, Virginia Woolf, Jean Rhys, Doris Lessing, Alice Walker and others*. New York: Pantheon Books, 1986.
- OHMANN, Carol. *Emily Brontë in the hands of male critics*. *College English*, p. 906-913, 1971.
- PETERSON, Linda (ed). *Case studies in contemporary criticism: Emily Brontë, Wuthering Heights*. New York: Bedford/St. Martin's, 2003.
- REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance: leitura e crítica*. Trad. de Ângela Bergamini. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Romantismo inglês: uma interpretação*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1980.
- STONEMAN, Patsy. *Catherine Earnshaw's Journey to Her Home among the Dead: Fresh Thoughts on Wuthering Heights and 'Eipsychidion'*. *The Review of English Studies*, v. 47, n. 188, p. 521-533, 1996.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. In: Boitempo Ed., 2002.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. 2a edição. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- ZÉRAFFA, Michel. *Romance e sociedade*. Trad. de Ana Maria Campos. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1971